



Ruas de fogo

As recentes manifestações populares que “incendiaram” o Brasil nos últimos meses acendem discussão sobre os entraves que precisam ser “queimados” na agricultura brasileira

As festas juninas de Santo Antônio, São João e São Pedro ainda são comemoradas em diversos locais, no interior do Brasil. Nelas são tradicionais as bandeirinhas coloridas, os fogos de artifícios, pessoas com vestimentas típicas e muita música, animação e diversão.

Em 2013 o Brasil foi surpreendido por uma “comemoração” atípica. As bandeirinhas foram substituídas por cartazes de protesto; os fogos de artifícios por bombas de efeito moral, tiros de bala de borracha e alguns coquetéis molotovs; as vestimentas típicas foram substituídas por militares uniformizados, portando armas e barreiras protetoras portáteis.

No lugar das músicas e danças típicas o que ocorreu foram muitas palavras de ordem e correrias do tipo “salve-se quem puder”. A cadeia do amor, desta vez, foi prisão de verdade.

A fogueira também foi atípica – palhas, gravetos, lenhas grossas e raízes de puro cerne foram substituídos por centenas de manifestações e formaram uma imensa fogueira por todo o território nacional.

O fogo teve início em uma palhinha representando os preços das passagens de ônibus urbanos, que conseguiu incendiar alguns gravetos representando problemas pontuais como a insatisfação de algumas classes. Os gravetos por sua vez conseguiram incendiar as lenhas grossas, representantes de seriíssimos problemas relacionados a saúde, educação, segurança, economia, transporte etc.

O fogo continuou e as lenhas grossas conseguiram aquecer e dar início à queima das raízes de puro cerne – sem dúvida a parte mais difícil de queimar: o medonho sistema político de nosso “maravilhoso país”, ou seja, centenas de

empresários e políticos corruptos.

Apesar das labaredas mais altas terem baixado, a fogueira continuou acesa e tudo indica que desta vez não se apagará tão facilmente. É preciso aproveitar para “jogar na fogueira incandescente” mais palhas, gravetos, lenhas grossas e raízes de puro cerne que afetam a agricultura brasileira.

Não se pode perder a oportunidade

E necessário também “queimar em definitivo” o sistema convencional de comercialização informal e torná-lo totalmente formal e sustentável

para “queimar” legislações trabalhistas inadequadas e o “sistema mandonista”, ou seja, pessoas despreparadas e incompetentes que obrigam produtores a obedecer a imposições absurdas.

Temos que fazer “arder” os responsáveis por obrigar os produtores a assumir o maior custo de produção do mundo, concomitante a elevadíssimos riscos provenientes de adversidades climáticas e devastadores problemas fitossanitários.

E necessário também “queimar em definitivo” o sistema convencional de comercialização informal e torná-lo

totalmente formal e sustentável. Precisamos introduzir a classificação obrigatória e documentos legais que evitem os calotes e os descontos aleatórios que os atacadistas impõem aos produtores.

É preciso “atear fogo” também aos galhos secos e podres que representam sistemas ultrapassados de defesa fitossanitária, pesquisa e ensino que tanto afetam e fazem falta à nossa agricultura.

É tempo de dar uma “sapecada” nas grandes redes de varejo que sufocam produtores com suas políticas modernas de comercialização. Se não aprenderem será preciso “queimar” alguns até a maioria aprender.

“Queimar” parte da mídia que usa e abusa de sua ignorância protegida pela liberdade de imprensa. O mesmo tempo de informações falsas deve ser proporcionado para a parte afetada expor as verdades e a empresa de comunicação deve ser responsabilizada pelos prejuízos causados. A impunidade é uma raiz de puro cerne e deve ser bem colocada na fogueira para “queimar” por inteiro.

Também temos que fazer “virar cinza” os fatores nefastos da globalização, ou seja, políticos, empresas e profissionais que por dinheiro provocam verdadeiros genocídios na humanidade. É necessário “queimar” o sistema – “Moeda de Troca” – ou seja, por que para exportar carne há que se importar alho e cebola? Será que as autoridades não percebem que ao privilegiar um ou dois frigoríficos desempregam e marginalizam centenas de milhares de produtores e trabalhadores brasileiros?

Não há dúvidas de que as manifestações devam ser predominantemente passivas. No entanto, há que se continuar “pregando fogo” em tudo o que prejudica o nosso país e a nossa agricultura. 

Natalino Shymoiama,
Gerente geral da ABBA